

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Megafoguete Starship faz primeiro voo orbital

Todos os objetivos traçados pela SpaceX foram atingidos na missão

/ CORRIDA ESPACIAL

A SpaceX lançou ontem seu primeiro voo orbital o veículo Starship, com o qual a empresa espera acelerar a construção de mega-constelações de satélites em torno da Terra, e a Nasa tem a expectativa de usar para bater a China na corrida para o retorno tripulado à Lua. O lançador partiu às 9h48min (horário de Brasília), duas horas antes pelo fuso de Starbase, no Texas, de onde a empresa realiza seus voos daquele que é o maior foguete do mundo.

É o décimo quarto voo integrado dos dois estágios, mas apenas a primeira vez que a empresa tenta alcançar a velocidade orbital e agregar satélites à constelação Starlink, que fornece internet rápida e de baixa latência em escala global. Por uma questão de segurança, os engenheiros adotaram um perfil de voo conservador. Após a desativação de quase todos os motores do primeiro estágio, chamado Super-Heavy, e a separação do segundo estágio (o próprio Starship), a queima mais uma vez levou a uma trajetória suborbital - velocidade um pouco inferior à necessária para permanecer em órbita. A ideia era que, caso houvesse algum problema com o segundo estágio, ele reentrasse na atmosfera sozinho dali a menos de uma hora.

Uma vez que o veículo se colocou nessa “quase órbita”, o controle da missão realizou uma checagem de todos os sistemas antes de reacender brevemente os motores do Starship para dar o último empurrão necessário para uma inserção orbital.

Foi com alguma emoção. Um



RONALDO SCHEMID/AFP/IC

É a primeira vez que a empresa tenta alcançar a velocidade orbital

dos seis motores se apagou durante a ascensão e os engenheiros fizeram uma verificação extensiva antes de dar luz verde para a inserção orbital. As manobras críticas de inserção orbital e de órbita são feitas com um motor, de modo que há bastante redundância, mesmo em caso de falhas.

Com o sucesso da manobra, realizada cerca de 25 minutos após o lançamento, o veículo se estabeleceu em uma órbita baixa, cerca de 275 km acima da superfície da Terra, permitindo a liberação de 26 satélites Starlink V3.

A SpaceX não tinha por objetivo recuperar o veículo neste voo, mas conduziu uma manobra de retorno com o Super-Heavy (que teve o apagamento de um dos 33 motores durante a ascensão), realizando um pouso suave na água.

Quanto ao Starship propriamente, uma manobra final foi realizada pouco mais de duas horas após o lançamento, após uma única órbita completa, com uma reativação de motor para frear o

veículo o suficiente para voltar a uma trajetória suborbital e retornar à Terra.

Originalmente, o plano era conduzir o pouso do Starship após meia dúzia de voltas ao redor da Terra, com uma descida sobre o oceano Pacífico, próximo à costa do Chile. Mas, para se manter conservadora e reduzir riscos, os engenheiros decidiram antecipar o retorno. Com isso, o retorno se deu sobre o Pacífico, mas perto do Havaí, com um pouso suave.

A despeito das mudanças e contingências ao longo do voo, todos os objetivos foram atingidos, em um resultado importante para a SpaceX, que projeta que o próximo lançamento já envolva uma tentativa de recuperar e reutilizar os dois estágios.

No longo prazo, o plano da empresa é reutilizar frequentemente seus Starships, acelerando a frequência de voos, que já representa com alguma folga a maior do mundo com os foguetes Falcon 9 da empresa.

Trump teria perguntado a Xi se a China quer comprar armas dos EUA

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tentou justificar para o líder chinês Xi Jinping a venda de armas americanas a Taiwan tratando o negócio como apenas mais uma entre muitas vendas feitas por Washington no mundo - e chegou a perguntar a Xi se ele teria interesse em comprar armamentos dos EUA, segundo o embaixador americano na China, David Perdue.

Perdue relatou o episódio no domingo, em entrevista ao programa Fox News Sunday, poucos dias após Trump receber Xi em Washington para uma visita de Estado. O embaixador não especificou quando a pergunta foi feita. Uma oferta desse tipo, se levada adiante, contrariaria décadas de política americana em relação à China e Taiwan e poderia exportar tecnologia dos EUA a um potencial adversário.

A entrevista ocorreu após a apresentadora Shannon Bream mencionar preocupações, de republicanos e democratas, com atrasos em pacotes de ajuda e

encomendas de armas para Taiwan, que busca reforçar sua defesa diante da ameaça de invasão pela China. Bream questionou se os EUA estariam negando apoio a Taiwan para agradar Xi.

Perdue rejeitou essa interpretação e disse que Trump “é tão firme com Taiwan quanto qualquer um” e que os EUA já venderam muitas armas à ilha. Segundo ele, Trump e Xi continuam discutindo futuras vendas americanas de armamentos a Taiwan.

“Mas o presidente Trump continua dizendo: Olha, nós vendemos armas para outras pessoas ao redor do mundo”, afirmou Perdue. “Ele chegou a perguntar ao presidente Xi se, em algum momento, ele gostaria de comprar algumas.”

Ao Wall Street Journal, uma autoridade negou qualquer intenção ou planos de vender armas para a China. Uma segunda autoridade ressaltou que comércio deste tipo com Pequim já é proibido pela lei americana e que nenhuma oferta foi feita. Os EUA são obrigados por suas próprias leis a fornecer a Taiwan meios para se defender.

Milei tenta rearmar a Argentina com ajuda dos Estados Unidos

O apoio de Donald Trump à tentativa do aliado Javier Milei de reeleger-se presidente da Argentina em 2027 vai além do apoio retórico à demanda de Buenos Aires pelas ilhas britânicas Falkland, conhecidas na região como Malvinas. O republicano tem sido peça central no projeto do argentino de rearmar seu país, após décadas de baixo investimento e descrédito das Forças Armadas.

De caças a blindados, passando por helicópteros e munições, a Argentina vive uma pequena corrida armamentista. O que não está claro é contra quem, dado que não há rivalidades regionais fora dos discursos inflamados de Milei contra Lula e em apoio a Flávio Bolsonaro, rival do petista na disputa pelo Planalto.

Com a desaprovação em 58% segundo pesquisa de agosto, o presidente contou recentemente com declarações de Trump em favor da revisão do apoio americano à soberania de Londres sobre as Malvinas, um tema que rivaliza com a seleção de futebol em termos de mobilização na Argentina. A guerra travada pelas ilhas em 1982, quando a moribunda ditadura as ocupou brevemente até ser expulsa, é um trauma nacional. Milei tenta repetir

o truque como farsa, aumentando o tom de sua reivindicação até em discurso na ONU, anunciando uma base naval nova e propondo penas a quem explorar petróleo em torno do arquipélago. Trump, por sua vez, usa a carta das Falkland para pressionar o Reino Unido, que considera um aliado titubeante sob os governos trabalhistas recentes, a gastar mais com defesa.

Antes disso, porém, ele já havia começado um processo de rearmamento inédito. O negócio mais vistoso é a compra de 24 caças americanos F-16 usados da Dinamarca, por US\$ 300 milhões em cinco anos. O segundo lote de seis aviões deve chegar em breve. O republicano e Milei são aliados próximos, e o argentino se encaixa no perfil de líder previsto pela Estratégia de Segurança Nacional de Trump: alguém que compartilha seu ideário populista à direita. Com efeito, a Argentina é integrante de primeira hora da iniciativa Escudo das Américas, grupo de países criado por Trump para assuntos de segurança que declarou o PCC e Comando Vermelho entes terroristas no mesmo dia em que o americano ameaçou novas ações militares na região.

Surto de Ebola no Congo já tem mais de 8 mil casos

/ CONGO

O número de casos confirmados do vírus Ebola na República Democrática do Congo (RDC) ultrapassou oito mil, enquanto o país enfrenta escassez de profissionais de saúde para conter a doença mortal. Os dados mais recentes do Ministério da Saúde do Congo, divulgados no domingo, indicam a confirmação de 8.067 casos e 3.901 mortes até 26 de setembro, abrangendo 63 zonas de

saúde em sete das 26 províncias do país, com uma taxa de letalidade superior a 48%.

“A taxa bruta de letalidade persistentemente alta, e especialmente a taxa elevada de mortes ocorrendo nas comunidades, ressalta a gravidade da doença e os desafios persistentes na detecção oportuna de casos e no acesso a cuidados precoces e adequados para os pacientes”, afirmou a Organização Mundial da Saúde (OMS) em seu relatório

mais recente.

O Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) informou nesta segunda-feira que o surto começou a afetar outros serviços essenciais nas áreas mais críticas, à medida que recursos são mobilizados para o combate ao Ebola. Segundo o relatório do OCHA, os serviços de atenção primária à saúde sofreram uma queda de 13% entre abril e junho apenas na província de Ituri.